

GAÚCHO ATENTO
(Maria Dinorah Luz do Prado)

Ventanando coxilhas de meu pago,
asas, rodas ou patas a mover,
quero um lenço de fé ter por afago
sobre um poncho azul e bem-querer.

Em dois olhos morteiros, cor de lago,
meu radar de procuras quero ter,
para que as cinzas do momento aziago
nunca empanem meu sonho de querer.

Das boiadas do tempo nas alfombras,
imaginar a farta luz nas sombras,
em cada rancho, mel, churrasco e pão.

Asas, rodas ou patas. Sementeiras.
O que importa é ter largas as porteiras
e o braço/abraço para o chimarrão.

Quero comigo, inteiro, uma certeza:
de que em toda a emoção que me navega,
à procura de um pouco de grandeza
pros descampados onde a lei é cega,
tremule a chama eternamente acesa
do ideal farrapo, que o passado lega,
a erguer bandeiras pela natureza,
na liberdade que meu peito prega.

Quero comigo um estatuto novo
que em pilchas vivas desse grande povo
sobre as raízes horizontes plante;
onde a voz da justiça e do direito
mais que muitas medalhas sobre o peito,
sobre os nadas do tempo se levante.

Hoje, cavalgo uma coxilha à prova
das tradições e da modernidade.
Sou vento verde que o rodeio inova,
sou pleno pago, pastoreado a idade.

Na madrugada retovando a trova,
de noitezinha a pialar saudade,
sou taura antigo que a emoção renova
nos minuanos da adversidade.

Em cada laço, uma pergunta explode.
E as respostas do pode e do não pode,
em cada aurora, a dedilhar desvendo,
enquanto sobre as horas caborteiras
e sobre a chama viva das fogueiras

meu ideal de humanidade acendo.

Há um telúrico rito nessa andança
que o cavlo da vida me anuncia.
Suspira ao vento uma viola mansa
com seus sonhos de paz e de alforria.

Mas o que busco, flama de esperança,
força da terra na desagonia,
segue sendo um roteiro de tardança
que penso ver ultrapassado um dia.

Por hora sigo a multidão da espera.
Como potro, pastando primavera,
mas como a lua, denunciando o escuro,
sou, entre tantos, um gaúcho atento,
que piala, no céu do pensamento,
uma eterna certeza de futuro.